

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Hoje em Dia Class.: 414

Data 02/12/91 Pg.: _____

Os índios já não sabem aonde ir

Essa é a conclusão dos quatro meses de debates sobre o Descobrimento da América

“O povo que não sabe de onde veio, não sabe para onde vai”. A afirmação é do presidente da União das Nações Indígenas, Ailton Krenak, presente ao encerramento do ciclo de debates, iniciado em agosto, com o objetivo de revisar criticamente o chamado Descobrimento da América, projeto colonizador que fará 500 anos em 1992. A participação dos negros, a resistência indígena e africana ao genocídio e ao racismo e a participação das igrejas cristãs no projeto de colonização e escravidão das Américas, foram alguns dos temas discutidos e revistos nos quatro meses de encontros e debates patrocinados pela Casa Dandara — Projeto de Cidadania do Povo Negro.

Membro do Comitê Inter-Tribal — 500 anos de Resistência, Marcos Terena também esteve presente. Dos seis milhões de índios existentes no Brasil no ano de 1.500 apenas 240 mil resistiram ao processo colonizador. “Valeu a pena resistir porque vamos questionar a civilização que nos foi imposta e que não deu certo nem para quem a impôs”, afirmou Terena. Questionando também o termo “tribo”, Terena explica que a denominação “sociedade indígena” é mais correto como forma de conscientizar os povos indígenas para que se vejam como um povo. Os índios sobreviventes do contato com o homem branco — que representou o enfrentamento de doenças, perda de identidade e espiritualidade — estão hoje distribuídos em 180 sociedades indígenas.

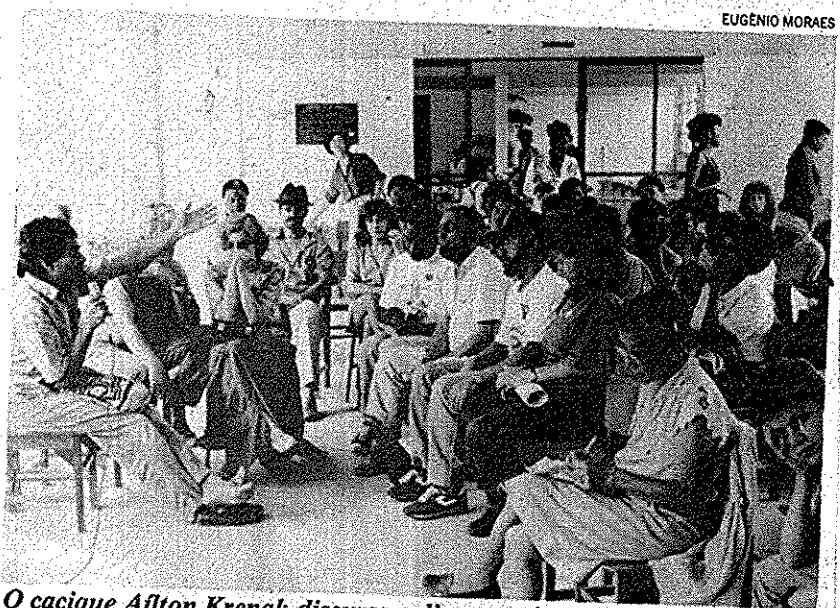
A preocupação de Terena é de que o índio forme-se e informe-se sobre a sociedade dos brancos. “Não podemos interferir sem conhecer e, como vocês não falam a nossa língua, temos de aprender a de vocês, nos vestirmos como vocês e atuarmos pela reconquista de nossa liberdade”, explicou. Pobreza, menor abandonado, asilo de velhos são, na opinião de Terena, a demonstração de que o modelo dos bran-

cos não deu certo. O índio, apesar do despojamento de bens materiais e tecnológicos, “é rico e feliz”. Porém, ele entende que a se transportá-lo para o urbano ele equivaleria a um marginalizado. “Aqui ele nunca iria morar, por exemplo, no bairro Serra, ele seria um favelado”, estimou.

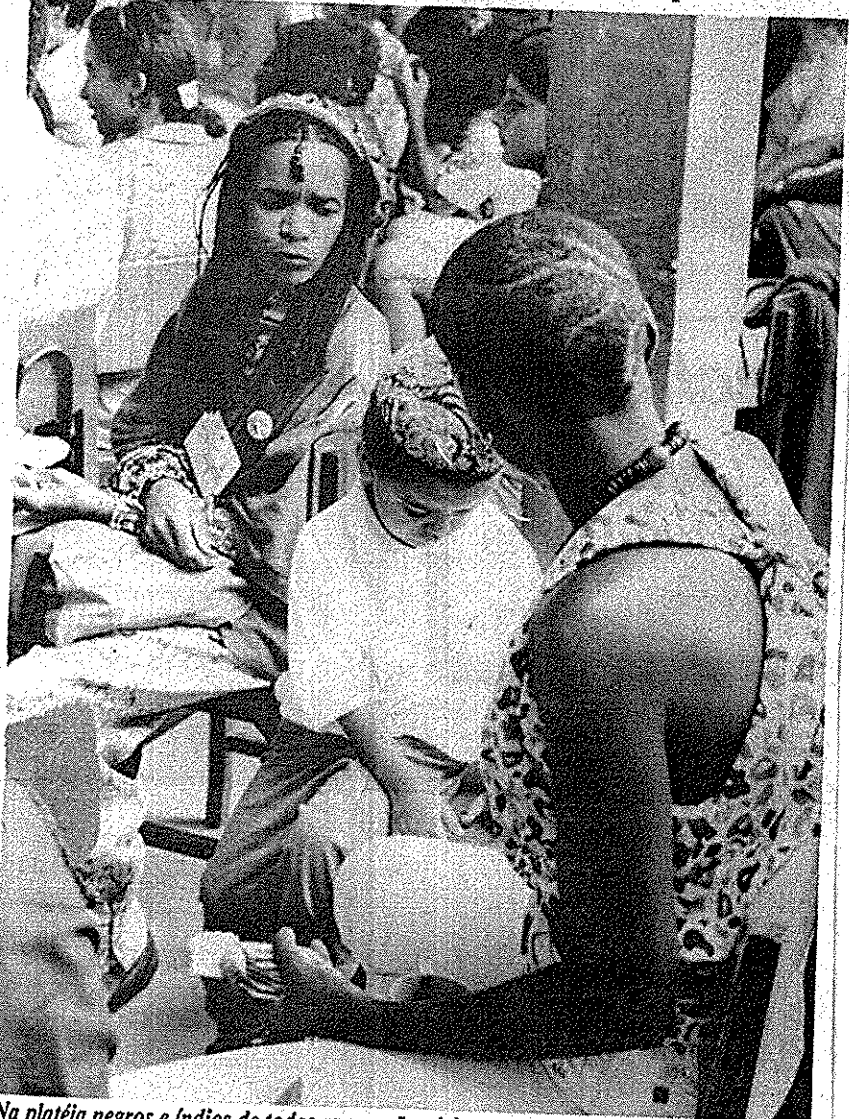
Remédios, roupas, consumo, são males para os quais o índio não está preparado e que alteraram por completo o comportamento nas tribos. “O grande número de suicídios entre índios KAIOAS se deve a perda do referencial histórico, da espiritualidade e do ambiente físico”, declarou. Apesar de já haverem algumas áreas demarcadas, a grande maioria ainda não o foi. “Não adianta a demarcação em portarias. É preciso que seja em forma de decreto, assinada pelo presidente e com garantias de proteção”, cobrou. Ele lembrou que as áreas dos Mekranotire, ao sul do Pará, e outras já demarcadas aconteceram em função de pressões internacionais. “É preciso que o brasileiro conheça as riquezas do nosso solo e o defenda junto com os índios. Queremos e podemos contribuir para a melhoria da sociedade do branco”, disse.

O índio é aliado. Garantia de Terena

Terena destaca que a posse da terra demarcada não faz do índio um latifundiário e sim um aliado do homem urbano porque o índio precisa de respeito, água, ar e floresta para sobreviver. “Podemos fazer uma aliança pelo futuro das nossas gerações porque temos interesses comuns de preservação do meio ambiente”, destacou. Ser rico é também um conceito que passará, durante as discussões preparatórias para o Eco-92, por debates buscando seu melhor significado. “Livres, despreocupados com doenças e consumo, os índios eram ricos em suas aldeias”, cobrou.



O cacique Ailton Krenak discursa e diz que o índio está perdido



Na platéia negros e índios de todas as gerações debateram a colonização da América